

EDUCAÇÃO SEXUAL E A IMPORTÂNCIA DA TEMÁTICA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL DOS ANOS INICIAIS

*(SEX EDUCATION AND THE IMPORTANCE OF THE THEME FOR ELEMENTARY
SCHOOL EARLY YEARS)*

Carla Patrícia Cardoso Saldanha¹

Eliana de Lima Teodoro²

Ester Ferreira de Amorim³

Bruna Germana Nunes Mota⁴

RESUMO

Este artigo tem o intuito de abordar sobre a importância da Educação Sexual no ambiente escolar. Logo, o objetivo geral da pesquisa é compreender a importância da temática “Educação Sexual para os alunos do 5º ano do ensino fundamental”. Consideramos a relevância do tema no cenário dessa série já que muitos educandos estão entrando na puberdade nesse período, portanto, a discussão da sexualidade começa a ser mais emergente. A metodologia foi focada no procedimento qualitativo e exploratório e utilizamos a pesquisa de campo do tipo estudo de caso. A coleta de dados aconteceu em uma escola de médio porte, localizada em Messejana - CE. Os instrumentos da pesquisa foram entrevistas semiestruturadas. Através dos estudos concluímos que a educação sexual é um tema de extrema importância para a promoção do autocuidado e do autoconhecimento, emergindo uma necessidade de incluir a sexualidade nos componentes curriculares das escolas.

Palavras-chave: Sexualidade. Educação Sexual. Professor. Escola.

ABSTRACT

This article aims to discuss the importance of Sexual Education in the school environment. Therefore, the general objective of the research is to understand the importance of the Sexual Education theme for students in the 5th year of elementary school. We consider the relevance of the theme in the scenario of this series since many students are entering puberty in this period, in which the discussion of sexuality begins to be more emergent. The methodology will be focused on the exploratory qualitative procedure and we will use field research and case study. Data collection took place in a medium-sized school, which is located in Messejana - CE. The research instruments were semi-structured interviews and simple observations. Through the studies, we concluded that sex education is a topic of extreme importance for the promotion of self-care and self-knowledge, emerging a need to include sexuality in the curricular components of schools.

Keywords: Sexuality. Sex Education. Teacher. School.

¹ Graduada em Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. E-mail: krla_saldanha@hotmail.com

² Graduada em Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. E-mail: el281376@gmail.com

³ Graduada em Pedagogia do Centro Universitário Ateneu. E-mail: esteramorimf@outlook.com

⁴ Doutora em Educação. Professora do Centro Universitário Ateneu. E-mail: bruna.mota@uniateneu.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Abordar temáticas como educação sexual não significa ensinar práticas sexuais, na verdade, é uma forma intencional e educacionalmente formal de discutir aspectos naturais que acontecem na vida de todos os seres humanos. Conversar sobre a anatomia do corpo, a igualdade de meninos e meninas, o respeito ao corpo, o entendimento das partes íntimas, a prevenção de violência, os preconceitos, tabus e medos são temas inseridos na educação sexual, importantes de serem dialogados dentro da escola.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), publicado em 1997, propõe que a educação sexual seja trabalhada em todas as etapas escolares, podendo ser trabalhada em qualquer disciplina. A abordagem da sexualidade deve ser caracterizada por meio de um desenvolvimento formal e sistematizado, exigindo estruturação interventiva por parte dos profissionais de educação. (BRASIL, 1998)

Além disso, é válido ressaltar que a educação sexual é considerada como um tema transversal, uma vez que a transversalidade permite que os alunos discutam temas reais e emergentes na sociedade. No que se refere a essa temática é importante o debate, o diálogo e a análise dos vários pontos de vistas, para que os indivíduos possam construir sua referência de sexualidade por meio da maturidade e reflexão.

A família, como a primeira relação de convívio, afeto, interação e educação, tem responsabilidade acerca desse assunto, ajudando seus filhos a tirarem suas dúvidas e informá-los para uma formação benéfica da sua sexualidade. Entretanto, a instituição educacional não é excluída desse processo educativo, pois cabe à escola abordar os diversos pontos de vistas, valores e crenças dentro de uma sociedade, ajudando o aluno a construir um pensamento crítico.

Atualmente a Educação Sexual é pouco trabalhada nas escolas, pois ainda existe preconceito em debater sobre o assunto, sejam por questões ideológicas, religiosas, conservadoras, ou até mesmo, pelo receio que os professores têm em não se sentirem preparados para discutir o tema. Devido a isso, consideramos essa pesquisa de grande importância para trazer mais conhecimento, informação e esclarecer dúvidas existentes sobre o tema em questão, assim como em ajudar as pessoas a superarem medos e prejulgamentos, contribuindo para a formação da identidade dos sujeitos e uma formação integral pautada em valores, livres de preconceitos e tabus.

O fato de algumas das integrantes da equipe terem sofrido abusos sexuais na infância aumentou a nossa necessidade de entender como a educação sexual pode ajudar a evitar os

casos de abusos sexuais das crianças, pois acreditamos que esta temática, da educação sexual, estará esclarecendo a necessidade delas em se comunicarem e identificarem quando estão sofrendo algum tipo de violência. Acreditamos que será pertinente colocarmos a atenção nas crianças que estão em fase anterior à puberdade, fase essa onde concentra muitas curiosidades e descobertas sobre o corpo, sentimentos e afetos.

O problema da pesquisa propõe entender qual a importância do ensino da educação sexual para crianças do 5º ano do ensino fundamental.

Logo, acreditamos que a falta de conhecimento sobre o assunto na formação de professores, evidenciam o preconceito e dificuldades para trabalhar temas relacionados à sexualidade em sala de aula. As crenças e princípios religiosos seguidos por algumas escolas, também, são obstáculos que impedem a inserção do ensino sexual no ambiente educacional.

O objetivo geral da pesquisa é compreender a importância da temática educação sexual para os alunos do 5º ano do ensino fundamental. Os objetivos específicos buscam analisar as estratégias de ensino da escola na abordagem do tema; perceber a relevância da educação sexual no 5º ano do ensino fundamental do ponto de vista docente; investigar como os professores trabalham com a educação sexual dentro da sala de aula.

O procedimento metodológico foi focado na pesquisa de campo e estudo de caso, com uma abordagem qualitativa. A coleta e análise de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas com um professor atuante em sala de aula e um coordenador pedagógico, em uma escola privada de médio porte localizada em Messejana - CE, tudo com o intuito de deixar o nosso artigo mais rico em informações.

Diante do exposto, percebemos que entender e aplicar a educação sexual na escola desde o ensino fundamental é importante para desenvolver a autonomia e o autoconhecimento do indivíduo, promover o respeito com o próprio corpo e do outro e auxiliar na formação da sexualidade de forma saudável e responsável.

2. EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

Ao fazer estudos sobre a inserção da educação sexual no Brasil, podemos perceber que a sua entrada no currículo educacional passou por grandes repressões não só pelos poderes políticos, mas também pela classe religiosa e por parte de algumas famílias conservadoras. Pois, era um tema cercado por tabus e mitos, além disso, muitos tiravam conclusões equivocadas em relação ao ensino da educação sexual, alegando que tinha o intuito de provocar a erotização da criança e do adolescente.

Foi a partir das décadas de 1920 e 1930 que a educação sexual começou a ser vista como necessária para a formação do cidadão. Contudo, trabalhavam-se somente questões relacionadas à saúde. De uma forma mais específica esses ensinamentos eram direcionados para as mulheres, pois visavam exclusivamente questões reprodutoras. Embora seja uma visão da época, é importante enfatizar que a educação sexual nos tempos atuais é entendida em seu cunho emancipatório, segundo Figueiró (2018, p. 72) “capaz de ajudar a superar os preconceitos e tabus, a combater a opressão sexual e a violência e toda forma de discriminação e a transformar os valores e as normas repressoras.” Logo, ela interfere na construção e formação da sexualidade do ser humano.

Diante disso, é válido ressaltar que, a sexualidade não é somente sexo, atos ou relações sexuais, ela é bem mais abrangente, pois também tem a ver com a formação integral do indivíduo, influenciando significativamente sua personalidade. Logo, ela influencia nas formas de pensar, nos sentimentos e nas ações do indivíduo. Envolve ainda as questões de gênero, tais como as relações e identidades. Baseada nessa concepção, Figueiró (2018, p. 69) afirma que:

A sexualidade é elemento integrante da nossa identidade e envolve o amor, o prazer, o toque, o sexo, afetividade, o carinho, gestos, a comunicação, o respeito, alegria de viver e o conjunto das normas culturais relacionadas à prática sexual.

Assim podemos afirmar que a sexualidade não pode ser conceitualizada somente em prazeres sexuais, em instintos ou em questões biológicas, mas devemos compreendê-la em sua forma global, uma vez que ela está relacionada a valores, religiões, crenças e culturas. Em conformidade, Lages (2009, p.16) afirma que as atitudes e os comportamentos referentes à sexualidade, não estão relacionados somente a questões reprodutivas, mas também a “padrões sociais e pessoais que acompanham as relações significativas estabelecidas ao longo de toda a vida”. Portanto, devemos entender que ela faz parte da construção social da criança e que perpassa por todo processo histórico. Com base nisso, os PCNs apontam que:

A sexualidade tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental dos seres humanos. Nesse sentido, a sexualidade é entendida como algo inerente, que se manifesta desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento. Além disso, sendo a sexualidade construída ao longo da vida, encontra-se necessariamente marcada pela

história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. (BRASIL, 1998, p: 295)

Nessa perspectiva, podemos dizer que ela faz parte do dia a dia dos indivíduos desde o início da vida, ou seja, a criança já nasce um ser sexuado. E apesar de ainda existir diversos tabus a respeito da dela, é essencial o ensino da educação sexual, pois irá permitir uma reflexão acerca do assunto, permitindo que os alunos descubram a sua sexualidade de forma natural. E segundo Lages (2009, p.13) “A finalidade de trabalhar com o tema da sexualidade nos contextos educativos é contribuir para que os jovens possam vivenciar sua sexualidade com prazer e responsabilidade”. Porém ao fazermos essas afirmações, surge o seguinte questionamento, pois afinal, o que é educação sexual?

Em resposta são muitos os conceitos e expressões referentes a essa temática. Com isso, nos levam a uma certa preocupação sobre qual a forma correta de se definir determinados aspectos, características e até mesmo algumas situações. Isso acontece, por exemplo, quando vemos autores usando as expressões: Educação Sexual e Orientação Sexual.

Segundo Figueiró (2020), o termo Educação Sexual remete o educando a uma possibilidade de ser sujeito ativo, reflexivo e capaz de se posicionar criticamente em seu processo de aprendizagem. Já a terminologia Orientação Sexual “imprimirá a ideia da professora como aquela que conduz, que orienta, que diz o que fazer ao educando, nesse caso, receptor passivo de informações e diretrizes de conduta”. (p. 19).

Em contraposição às definições de Figueiró, Egypto (2012) conceitua Educação Sexual como uma aprendizagem informal sobre a sexualidade, de modo que essa aprendizagem seja obtida através da família, amigos, religião, livros e mídia ao longo da vida das pessoas. Já em relação ao termo Orientação Sexual Egypto (2012) diz que “se propõe a fornecer informações sobre sexualidade e a organizar um espaço de reflexões e questionamentos sobre postura, tabus, crenças e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais”. (EGYPTO 2012, p. 42).

Apesar dos PCNs fazerem referência ao tema na definição de Orientação Sexual, analisamos ser melhor delineado na compreensão de Educação Sexual como meio de educar, independente do ambiente ou da situação, pois compactuando com o pensamento de Figueiró, “as relações entre as pessoas na escola, assim como na família, sempre educam, influenciando na formação de valores e atitudes”. (FIGUEIRÓ, 2020, p. 19).

Em suma, foi somente em 1997 que a orientação sexual no Ensino Fundamental começou a fazer parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como tema transversal, assim, o assunto sobre orientação sexual pôde ser trabalhado em todas as disciplinas escolares e qualquer professor poderia incluir este assunto em sua grade curricular. Segundo os PCNs:

Propõe-se que a Orientação Sexual oferecida pela escola aborde as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e os jovens. Trata-se de preencher lacunas nas informações que a criança já possui e, principalmente, criar a possibilidade de formar opinião a respeito do que lhe é ou foi apresentado. A escola, ao propiciar informações atualizadas do ponto de vista científico e explicitar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, possibilita ao aluno desenvolver atitudes coerentes com os valores que ele próprio elegeu como seus. (BRASIL, 1998, p. 300).

Apesar dessas conquistas, em contra partida Gagliotto (2014) afirma que a implantação do ensino da sexualidade, titulada nos PCNs como (orientação sexual) não ocorreu de forma democrática, pois acredita que algumas ideias e propostas ficaram à margem do currículo escolar e ressalta ainda que a inclusão da sexualidade como tema transversal só foi possível depois de muitas lutas por partes de professores/pesquisadores e pais que acreditavam na importância da inclusão do ensino da educação sexual nas escolas como tema transversal. Logo, podemos perceber que, embora tenha sido uma grande conquista, ainda temos que enfrentar grandes desafios pela frente para que os tabus e as conclusões equivocadas a respeito do assunto sejam mudados.

2.1 O papel do professor e a educação sexual para crianças

Quando entramos em um debate referente à educação sexual é perceptível à divergência de opiniões. Convicções e crenças são expostas em discussões, que ditam como certo ou errado a exposição desse tema dentro do ambiente escolar. De acordo com Nunes e Silva (2006, p.14) o autoritarismo acerca da sexualidade é fundamentado pelo “senso comum, a moral vigente e a rigidez dos papéis tradicionais”. O autoritarismo, a repressão e a omissão são colocados em cima das atitudes das crianças por alguns educadores e pais, que dessa maneira pensam que estão ocultando as manifestações da sexualidade infantil.

Podemos citar como exemplo a fala da Figueiró (2018), sobre a escola sem partido (ESP), de caráter nacional que tramita no Congresso Nacional e também em câmaras estaduais

e municipais, defendendo que a escola não debata sobre política e sexualidade, pois, segundo eles, as escolas iriam doutrinar as crianças. É de urgência superar a representação de que a escola é um ambiente passivo, escola é educação e educação envolve valores morais, mudanças de atitudes, reflexões e argumentações, é espaço em que se estimula a criticidade e o papel de cidadão. Dessa forma, política e sexualidade são essenciais para a formação integral do educando.

Não falar sobre sexualidade e tratar como algo inadequado a ser dissertado já é um ensinamento, demonstrando que o assunto é vergonhoso e proibido, interiormente, vai se criando vários tabus e medos diante dessa questão. Nunes e Silva (2006) ditam que negar a formação sadia da sexualidade é negar um elemento fundamental do ser visto que ela faz parte da nossa saúde e na formação holística do indivíduo.

No que se refere a essa formação, nos PCNs (1998), encontra-se a possibilidade de flexibilidade dos temas, podendo abordar pornografia, prostituição, métodos contraceptivos, desejo sexual, transformações do corpo, puberdade, masturbação, entre outros assuntos, sendo necessário conhecer as necessidades de cada turma e a precisão de abordar cada assunto. Temas esses polêmicos e proibidos, mas que necessitam de uma atenção, já que muitas vezes esbarramos com esses assuntos nas falas e atitudes dos alunos.

É comum nos depararmos com situações e conversas relacionadas à sexualidade nos corredores da escola. Por isso, é primordial abrir o diálogo, visto que, faz parte do cotidiano do colégio e da formação dos alunos, assim, não é determinar ideias, é levar responsabilidade, respeito e conscientização para os educandos. Conforme Argenti:

O professor tem a responsabilidade de formar, informar, debater, pesquisar, refletir sobre diversos temas, bem como dar possibilidades de que o educando amplie seu conhecimento a respeito das diferentes culturas e valores que existem nos diversos grupos sociais. (ARGENTI, 2018, p. 21).

Diante disso, nota-se a significação do professor defronte a essa temática, já que ele é um agente formador de opiniões e responsável por levantar assuntos diversos. Quando a escola se torna um espaço gerador de diálogos, possibilita ao educando o poder de saber argumentar e pensar. Sobre os educadores:

Fazemos educação sexual não para repreensão controladora ou para estímulo irresponsável, muito menos para a negação sórdida, fazemos educação sexual porque os homens têm na sexualidade uma dimensão ontológica irredutível. (NUNES E SILVA, 2006, p.125).

Figueiró (2020) relata que todas as pessoas influenciam as ideias e valores nas crianças desde a mais tenra idade, seja sobre o corpo, abraço, beijo, namoro, parto, nudez, carinho. Atitudes e falas são observadas pelas crianças e internalizadas, influenciando na construção dos comportamentos e pensamentos de um adulto futuro.

Dessa forma, podemos afirmar que estamos sendo educados sexualmente a todo o momento, positivamente ou negativamente. A mídia, as vivências, cultura e o meio social são aspectos que influenciam a formação da nossa sexualidade e, automaticamente, a nossa personalidade. Conforme Egypto (2012) a escola deve participar desse processo, visto que essas experiências não vão dar conta dos medos, das ansiedades, das dúvidas e dos questionamentos que são formulados no decorrer da vida.

A escola é um ambiente sistemático e contínuo, e deve tratar o tema de forma democrática, assim, não seria imposto sobre os alunos o que a escola dita como “certo”, contemplando sobre tudo o que tange à sexualidade. Segundo Egypto (2012, p.12), a abordagem da sexualidade na escola “não se pretende pregar ou ditar verdades, mas ouvir, abrir a conversa e pensar com base na realidade que se está a viver, a desejar, a sonhar ou a buscar”.

O papel do professor frente a essa abordagem não é de inculcar seus valores e ideias, mas abrir a reflexão e a discussão no tocante à sexualidade. Nunes e Silva (2006), cita que para propor uma educação sexual é preciso se reeducar sexualmente, ou seja, é preciso rever nossos conceitos, preconceitos e tabus. O professor precisa ser um bom ouvinte, pois irá se deparar com diversas opiniões, possibilitando a reflexão sobre as várias ideias dos educandos.

É imprescindível que os educadores estejam cientes da importância em se trabalhar a sexualidade com carinho e naturalidade. Atentando-se que a família tem dever de fazer parte desse processo, informá-la e trazê-la para conhecer a Educação Sexual é fundamental para que se possam desmistificar alguns preconceitos pré-existentes pelos pais. Segundo os PCNs (BRASIL, 1998) a sexualidade é primeiramente abordada por meio das relações familiares. Assim, de forma explícita ou implícita, são transmitidos os valores que cada família adota como seus e espera que as crianças e os adolescentes assumam.

Nunes e Silva (2006, p.108) afirmam que “os educadores não poderão restringir-se a uma motivação voluntarista e emocional sobre o tema. Deverão buscar sempre os recursos infundáveis e desafiadores da pesquisa científica.” O dogmatismo e a espontaneidade não devem existir dentro da educação sexual. A formalidade tem que se fazer presente para tratar esse tema com seriedade, propondo-se uma formação continuada e se baseando em dados científicos.

2.2 Educação sexual no ensino fundamental segundo a legislação

Como a presente pesquisa traz relações sobre a abordagem do tema de educação sexual voltados para as crianças e os adolescentes, são coerentes uma breve análise sobre o que diz a lei de maior amparo para o público infantil como o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, criado para pôr em prática a legalidade constitucional aos direitos infanto-juvenil, reconhecendo as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos em todos seus aspectos físico, psicológico, emocional, social, ou seja, em toda a sua integralidade. Portanto, tomamos como referência o ECA, que em seu artigo 3º, da lei Nº 8.069/90 fala que:

A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, assegurando-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade. (BRASIL, 1990).

Deduzimos como fundamentais nos direitos das crianças como cidadãs, assim como outros, o acesso ao conhecimento da Educação Sexual de forma planejada e intencional, pois, sabendo dos vários aspectos que envolvem a sexualidade infantil, temos como principal os casos de abusos sexuais frequentemente praticados contra elas. Dessa forma, podemos perceber a necessidade e a urgência em abordar esse assunto nas séries iniciais - assim também, como na fase anterior ao ensino fundamental - como uma forma de evitar e prevenir tipo de violência.

Entretanto, quando nos referimos ao ensino da Educação Sexual nas escolas, não estamos somente atribuindo o seu caráter às aulas de ciências, nas quais o assunto se restringe apenas ao estudo anatômico e biológico, mas, sim, como um ensino de uma Educação Sexual emancipatória que: “[...] pode ser entendida como a formação para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora.” (NUNES apud GAGLIOTTO, 2014, p. 43).

Ou seja, assim como interpretado pelos autores acima, a educação sexual emancipatória vai muito além do ser biológico, como algo higienista ou de saúde física, mas sim, como um caminho capaz de solidificar o respeito mútuo entre as pessoas, a empatia, a consciência das diversidades existentes na sociedade e que leve o sujeito a uma possibilidade de ser ativo, reflexivo e capaz de se posicionar criticamente por seus direitos e deveres como cidadão.

O ensino da Educação Sexual nas escolas acontece devido ao estabelecimento dos temas transversais inseridos nos Parâmetros Curriculares Nacionais de forma integrada, atualmente, com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC. Sobre a Educação Sexual os PCN consideram que:

Ao questionar tabus e preconceitos ligados à sexualidade e trabalhar com conhecimentos e informações que visam à promoção do bem-estar e da saúde, o trabalho de Orientação Sexual se entrelaça com objetivos e conteúdos contemplados também nos outros temas transversais (Ética, Saúde, Trabalho e Consumo, Pluralidade Cultural e Meio Ambiente). (BRASIL, 1998, p. 309).

Nesse sentido, a temática de Orientação Sexual contida nos PCN indica orientações que podem ser trabalhadas como tema transversal no âmbito das diversas disciplinas escolares. Contudo, diferente da proposta estabelecida pelos PCNs, a Base Nacional Comum Curricular - BNCC possui em seu documento questões para que esse assunto seja abordado na área de Ciências da Natureza, mais precisamente na unidade temática Vida e Evolução da disciplina de Ciências, configurando-se como “[...] um retrocesso ao que foi proposto pelos PCN’s, [...] sendo ausente nas demais áreas do conhecimento.” (ASSIS; BARBOSA; SOUZA, 2021, p. 11)

Dessa forma, a referente temática deixa de ter um caráter interdisciplinar e passa a ser somente disciplinar. Conforme Barbosa, Viçosa e Folmer (2019) “[...] é importante que a escola garanta conhecimento científico de forma interdisciplinar aos alunos a fim de que possam lidar com a sua sexualidade de maneira segura, saudável, sem preconceito e tabu, conforme apontado pelo PCN.” (2019, p. 7).

A partir das análises feitas nos dois documentos verifica-se que, em relação à temática da sexualidade, os PCNs trazem uma abordagem mais ampla e flexível, e que “podemos afirmar que foi nos PCNs onde os temas gênero e sexualidade foram mais inseridos no contexto escolar.” (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019, p. 4). Os Parâmetros Curriculares Nacionais tiveram uma importante contribuição para a ampliação e discussão sobre temas de sexualidade e educação sexual e que para os autores Assis, Barbosa e Souza (2021), foi permitida uma maior participação dos movimentos sociais e políticos na sociedade. Os autores explicam que:

A proposta dos PCN é que o trabalho com foco na sexualidade deve considerar as emoções e noções sobre sexualidade do senso comum dos educandos e possibilitar reflexões e debates que assegurem a construção da autonomia dos sujeitos, a capacidade de discernimento e escolha quanto ao exercício de sua própria sexualidade. (BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019, p. 7).

Enquanto que, os PCNs possuem a proposta acima, na terceira e atual versão da BNCC podemos perceber a falta de referência a determinados assuntos de sexualidade, como a não menção dos termos “gênero” e “orientação sexual”, suprimindo-os de seu texto e provocando uma possível ideia de que os temas não podem ser trabalhados em sala de aula. Para Groff *et al* (2015, *apud* BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019, p.5):

A retirada destes conteúdos, configurou-se como um retrocesso no setor educacional. Evidenciando, segundo as autoras a força de um movimento fundamentalista no Brasil representado por deputados da chamada “bancada evangélica” e por deputados católicos conservadores que negam as múltiplas possibilidades de expressão da sexualidade e a perspectiva de uma educação inclusiva pautada nos direitos humanos.

Ressaltamos ainda que a BNCC, em seus objetos de conhecimento e habilidades da disciplina de Ciências, acentua um caráter higienista e preventivo em seus estudos para o ensino fundamental. Segundo Cardoso *et al* (2016, *apud* BARBOSA; VIÇOSA; FOLMER, 2019), destacam que ao abordar a orientação sexual apenas com o foco preventivo de doenças, a educação sexual não serve a seu papel maior.

Ainda com base na BNCC, somente o 1º e o 8º ano do ensino fundamental se beneficiam do tema da sexualidade, permanecendo quase todo o ensino fundamental sem acesso ao assunto. Sendo que no 1º ano, das três habilidades mencionadas, apenas uma trabalha a questão do respeito à diversidade. Enquanto no 8º ano, das cinco habilidades para o objeto de conhecimento Sexualidade, quatro fazem menção à sexualidade humana e somente uma aborda a questão mais ampla do tema, que são para além dos aspectos biológicos, higienistas e preventivos.

Dessa forma, evidencia-se a quão deficiente e atrasada estão às propostas pedagógicas em torno da amplitude que o tema de Educação Sexual tem a oferecer em suas práticas escolares. Como, por exemplo, a sexualidade em uma visão emancipatória, sendo trabalhada ao longo de todo ensino fundamental e, principalmente, na transição das séries iniciais para as séries finais, como a passagem do 5º para o 6º ano, onde acontecem significativas mudanças na vida das crianças que vivenciam essa fase.

Acreditamos que precisamos difundir de forma abrangente e sistemática a temática da sexualidade, de maneira que possibilite para todos – alunos, pais e sociedade – a conscientização e o real objetivo e importância de se abordar o respectivo assunto, citado no decorrer desta pesquisa. É fato que essa difusão só poderá ser efetivada com o apoio da escola

e, sobretudo, das autoridades educacionais e governamentais regentes no país, tornando concretos os direitos propostos nas leis para a formação de cidadãos e de uma sociedade civilizada e diversificada.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo pesquisa

Essa pesquisa está amparada por uma abordagem qualitativa, na qual, segundo Prodanov (2013), o pesquisador mantém contato direto com o objeto de pesquisa, tendo o ambiente como fonte de dados. Utilizamos também o estudo exploratório, visto que, consoante Demo (1996), a pesquisa exploratória tem o objetivo de se familiarizar com o tema e pode entender como acontece à problemática pesquisada em questão.

Quanto ao procedimento de pesquisa, focamos na pesquisa de campo, do tipo estudo de caso como afirma Prodanov (2013, p. 59), pesquisa de campo “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar”. O estudo de caso, pois, de acordo com Yin (2001, p.32) “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. Diante disso, fizemos um estudo sistêmico, a fim de entender a importância da educação sexual para os alunos do ensino fundamental dos anos iniciais.

3.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola privada de médio porte que está situada em Messejana (CE). Essa escola já atua no campo educacional há mais de 10 anos e a sua estrutura atende da Educação Infantil ao Fundamental I e o espaço oferece conforto aos alunos. Além disso, a escola tem como objetivo promover uma educação libertadora e transformadora. Nossa escolha foi baseada no fato dela já ter trabalhado com o ensino de educação sexual em sala de aula com os alunos do 5º ano do ensino fundamental.

Acreditamos que seja válido esclarecer que tivemos alguns impasses para a realização da nossa pesquisa de campo. No primeiro momento, tivemos dificuldades em conseguir uma

escola que trabalhasse com a temática da educação sexual em sala de aula com alunos do 5º ano do ensino fundamental. A primeira que encontramos trabalha desde a infância, porém devido à grande demanda por parte da escola, não foi possível a mesma nos receber. Com isso, fizemos buscas em várias escolas, e encontramos uma que já havia abordado essa temática em sala de aula, entretanto, atualmente, não trabalha mais.

Entramos em contato com a escola, pedindo uma autorização para realizar a pesquisa de campo, já que embora não trabalhasse mais com esse tema em sala de aula, acreditamos ser de grande valia verificar e entender a opinião deles acerca desse assunto. Sendo assim, durante o encontro, a coordenadora pedagógica nos relatou que a escola precisou trabalhar a educação sexual em seu âmbito educacional devido a alguns problemas hormonais que estavam acontecendo com os alunos na época, no qual muitos estavam sentindo vergonha e se recusando a ir para a escola. Todavia, as pessoas responsáveis pela construção dos conteúdos didáticos, decidiram retirar essa temática da grade curricular.

3.3 Participantes da pesquisa

A pesquisa foi feita com a colaboração da coordenadora pedagógica que trabalha na escola há 17 anos, possuindo formação em pedagogia e especialização em língua portuguesa e inglesa. A segunda foi uma professora atuante em sala de aula, que está na escola há 7 anos e possui formação em pedagogia. Em vista disso, essa coleta de dados partiu do intuito de compreender como essas profissionais veem a importância da educação sexual no processo de desenvolvimento dos alunos e como é realizada essa abordagem em sala de aula. Nossa escolha se justifica pelo fato delas estarem mais a frente desses conteúdos e do cotidiano dos alunos.

3.4 Coleta e análise de dados

A coleta e a análise dos dados foram feitas por meio de entrevistas semiestruturadas. Gil (1999, p. 120) explica que, em relação a este tipo de entrevista, “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. As entrevistadas foram uma coordenadora pedagógica e uma professora atuante em sala de aula.

Com o intuito de entender a prática docente e verificar os recursos que eram utilizados pela escola para a abordagem sobre educação sexual, organizamos sete perguntas para a

coordenadora pedagógica: “Para você, qual a importância da educação sexual?”; “No seu ponto de vista, para abordar a sexualidade de forma didática é necessário possuir formação continuada na área? Por quê?”; “Você possui alguma formação na área? Se sim, qual? Se não, você pretende ter?”; “Quais são os meios que você utilizou para promover a educação sexual no ambiente escolar, existe algum material pedagógico?”; “Qual o comportamento ou a reação dos alunos do 5º ano do ensino fundamental diante dessa abordagem transversal?”; “Qual o papel da escola e da família frente a esse processo de ensino?”; “Qual ou quais desafios encontrados na aplicação do ensino de educação sexual para crianças?”

Também realizamos oito perguntas para a professora: “Para você, qual a importância da educação sexual?”; “No seu ponto de vista, para abordar a sexualidade de forma didática é necessário possuir formação continuada na área? Por quê?”; “Você possui alguma formação na área? Se sim, qual? Se não, você pretende ter?”; “Quais são os meios que você utilizou para promover a educação sexual no ambiente escolar, existe algum material pedagógico?”; “Qual o comportamento ou a reação dos alunos do 5º ano do ensino fundamental diante dessa abordagem transversal?”; “Como a temática é discutida com o ensino fundamental, esse ensino acontece de forma transversal?”; “Qual o papel da escola e da família frente a esse processo de ensino?”; “Qual ou quais desafios encontrados na aplicação do ensino de educação sexual para crianças?”

3.5 Aspectos éticos

A pesquisa respeitou os parâmetros e diretrizes determinados pelos aspectos éticos. Os sujeitos que participaram das entrevistas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecedor, deixando claro que era uma participação voluntária e não remunerada e que suas identidades seriam preservadas. Também, foi solicitado ao responsável técnico da instituição na qual estávamos realizando a pesquisa à assinatura do Termo de Anuência Institucional, contendo a autorização expressa do mesmo para a realização da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante de todo estudo e pesquisas em torno dessa temática, percebemos que o trabalho com a educação sexual proporciona conhecimentos e entendimentos importantes e fundamentais para o desenvolvimento dos sujeitos, de forma individual e coletiva. Sendo assim,

faz-se necessário buscar uma opinião de quem está na linha de frente desse trabalho, de quem está participando na prática e no dia a dia no desenvolvimento desses indivíduos. Portanto, a primeira pergunta da entrevista com a coordenadora pedagógica e com a professora foi: “Para você, qual a importância da educação sexual?”

Coordenadora pedagógica:

Hoje, ela é importante, né, principalmente nas séries finais dos anos iniciais, pra eles conhecerem. Porque eles não conhecem, né?! Não conhecem o corpo, não sabem da importância do corpo, até porque eles brincam com isso, né?! Então eles não sabem o que é, e tem muita curiosidade. Inclusive, eles fazem, usam termos pejorativos uns com os outros, porque eles não entendem, não sabem da importância, não sabem porque funciona, né?! Tem criança que faz pergunta por que a mulher sangra... porque eles não sabem, não tem essa noção. Então, quando eles passam a entender e conhecer, eles acabam nem mais utilizando os termos pejorativos que eles usavam entre os outros.

Professora:

Assim, na idade deles, né, que é a turma do quinto ano, pra eles conhecerem o corpo deles, né?! A parte da questão dos órgãos genitais e a questão deles se conhecerem, e as mudanças pelas quais o corpo deles tão passando naquele momento, né?! A questão da puberdade, tantas transformações que eles estão vivenciando na prática, eles puderam conhecer, né?!

A resposta da coordenadora e da professora transmite de forma clara a importância de ser trabalhado sobre educação sexual nas séries iniciais do ensino fundamental e, principalmente, no quinto ano. Pois, como já falado em nossa pesquisa, é na vivência dessa fase, ou seja, na passagem do 5º para o 6º ano que acontecem diversas mudanças tanto no corpo como na vida das crianças. Conforme Santos e Rubio:

Pode-se constatar que a temática deve ser trabalhada em todo ensino fundamental, inclusive nas séries iniciais, pois ensinando desde cedo as crianças a se prevenirem e estarem atentas quando o assunto for sexualidade, consequentemente o professor, juntamente da escola estará contribuindo para a formação de um aluno com uma vida mais saudável, responsável e consequentemente mais feliz. (2013, p. 16)

Comparando a fala das entrevistadas com a dos autores, constata-se a importância dessa temática para a formação dos indivíduos. Dando continuidade à entrevista, lançamos a

segunda pergunta para ambas as participantes, que foi: “No seu ponto de vista, para abordar a sexualidade de forma didática, é necessário possuir uma formação continuada na área?”

Coordenadora pedagógica:

Eu acho que quando você tem o conhecimento maior, mais amplo, facilita pra que ele seja repassado para as crianças. Mas quando você tem a formação pedagógica, você consegue passar pra eles de forma mais lúdica, diferenciada, né?! Porque quando você não tem, há a dificuldade, então é importante sim.

Professora: “Não! Porque é, realmente é uma... é uma didática, não é uma orientação sexual, né?! É uma informação sobre os órgãos genitais, é algo mesmo didático mesmo, não é uma questão voltada pra sexualidade.”

De acordo com Figueiró sobre a formação continuada:

Em Educação Sexual, ao se investir na formação continuada do professor, não basta apenas repassar-lhe as técnicas de ensino e os conhecimentos básicos necessários. É preciso despertar o educador existente dentro dele, para que o trabalho seja feito com comprometimento e paixão, além da competência técnica. (FIGUEIRÓ, 2020, p.13).

Para que seja compartilhada determinada temática ou conteúdo é imprescindível que o professor possua domínio de conhecimento e, além disso, possua didática para que se obtenha uma melhor eficiência na atividade educativa. Ou seja, precisa associar teoria e prática. Logo, percebemos ser fundamental uma formação continuada na área da sexualidade para que a abordagem aconteça de forma propícia à fase, às situações e aos aspectos em que a criança se encontra.

Em sequência, realizamos a terceira pergunta da entrevista buscando complementar a pergunta anterior, que foi: “Você possui alguma formação na área? Se não, pretende ter?”

Coordenadora pedagógica: “não, não tenho. Também não (Risos).”

Professora: “na área sexual? Não, não possuo.”

Como já discutido, é importante uma formação sobre essa temática para que os educadores não se “prendam” apenas aos aspectos de higiene e anatômicos, mas também para que se tornem profissionais preparados para lidar com as dúvidas e questionamentos que, possivelmente, lhe possam surgir em relação à sexualidade. Segundo os seguintes autores:

A implantação da Educação Sexual nos cursos de formação é de suma importância para que professores e profissionais da educação possam ser

contemplados com tal formação e, deste modo, possam assumir o seu papel central no processo sexual educativo da criança e do adolescente. Através do conhecimento científico os professores passam a compreender as manifestações da sexualidade da criança e do adolescente e educá-los para uma sexualidade emancipatória e humanista. (BRITTOS; SANTOS; GAGLIOTTO, 2013, p. 14).

Em concordância com os autores, o tema da sexualidade deve ser abordado nos cursos de graduação de licenciatura, uma vez que os professores estarão mais aptos para lidarem com situações que envolvam questões sexuais. Todo conteúdo ensinado em sala de aula requer um planejamento formal para que o ensino de fato se concretize nos alunos, então a 4^o pergunta foi: “Quais são os meios que você utilizou para promover a educação sexual no ambiente escolar, existe algum material pedagógico?”

Coordenadora Pedagógica:

Não, nós utilizamos o material didático deles, né, as crianças a partir de 10 anos tinha um pouquinho a iniciação, só que hoje não tem mais foi tirado, né, eu até já questioneei o porquê foi retirado esse conteúdo, então assim, hoje nós não temos mais esse projeto, ele foi retirado e não buscamos nos reunir pra que tenha novamente, porque realmente é importante a gente percebe que a uma diferença, estamos sentindo a falta desse material.

Professora: “foi o material didático e as informações que foram trazidas pelas próprias crianças, as dúvidas e os questionamentos que eles iam trazendo e a gente abordou de forma para eles de conversas bem informais e usando o material pedagógico.”

A autora Furlani (2017, p. 15) afirma que:

Normalmente, quem se debruça no trabalho de educação sexual, qualquer que seja seu nível de escolarização, não se vê obrigada/o a definir um referencial teórico norteador de suas práticas docentes. Talvez, tal necessidade de definição teórica seja impensável para muitas/os, uma vez que há um entendimento tácito de o objeto da educação sexual é a biologia. (FURLANI, 2017, p. 15).

A autora acima faz uma crítica aos professores que dão aula de educação sexual ligando o conteúdo somente a disciplina de biologia e não buscam outros meios para se aprofundarem mais. Diante disso, analisando as respostas das entrevistadas, percebemos que houve sim uma preocupação de utilizar o livro didático, embora uma delas tenha alegado que eram conteúdos que tratavam apenas a iniciação da sexualidade, uma vez que, só quem tinha

esse conteúdo em seu material eram os alunos do 5º ano, pois alegavam que essa fase é a fase da entrada na puberdade, das modificações no corpo e das curiosidades. Observamos também que a participação dos alunos era ativa, porém eles só trabalhavam questões ligadas à biologia, tais como anatomia, assuntos sobre higiene, autocuidado e entre outros. Deixando de lado os outros assuntos importantes de serem trabalhados a respeito da sexualidade. A quinta pergunta foi: “Qual o comportamento ou a reação dos alunos do 5º ano do ensino fundamental diante dessa abordagem transversal?”

Coordenadora Pedagógica:

Quando se inicia a muitos risos, graça, né, eles ficam curioso, né, porque eles não, realmente é algo novo, então eles ficam realmente brincando como se fosse uma brincadeira, no decorrer do aprendizado que eles vão dando seriedade, vão conhecendo melhor, aí eles vão tendo, menos atitudes, né, com relação, mais no começo é riso, é, alguns se escondem, nós tivemos algumas crianças que teve o processo de pelos muito em excesso. Então ela tinha vergonha, não queria vir pra escola, né, a mãe teve que buscar meios estéticos, para ela poder começar a vim, então realmente pra eles é um momento difícil.

Professora:

A princípio tive uma conversa com eles, falando que a gente ia estudar sobre esse assunto, que era algo importante. que eles estavam vivenciando, que eles precisavam saber das mudanças que estavam acontecendo no corpo deles, que era algo que ia abordar e que foi conscientizado em relação a brincadeiras, para eles realmente se conscientizarem da importância e foi assim, porque eu me surpreendi de como eles receberam e como foi o conduzido, pois eles tiveram dúvidas, perguntaram, não tiveram vergonha, trouxeram informações que não tinham no livro, dúvidas e Curiosidades que eles tinham e tiveram essa abertura comigo para poder conversar sobre isso.

A autora Oliveira (2009, p. 174) alega que “a curiosidade sobre sexualidade e os sentimentos que ela desperta sempre esteve presente ao longo da história da humanidade”, logo, ao analisarmos as repostas, percebemos que a curiosidade e os questionamentos acerca do assunto são muito pertinentes nos alunos, porém, esses comportamentos e ações é extremamente normal, por isso que uma das entrevistadas, informou que de início conversava com seus alunos e explicava a importância do assunto para eles, com isso eles sentiam mais abertos para expor os seus questionamentos e dúvidas. Segundo Reis e Vilar (2004, p. 737) “os jovens necessitam de ajuda para aprenderem a processar estas mensagens de diferentes fontes

de informações que lhes são transmitidas diariamente.” Conseqüentemente acreditamos que seja extremamente importante a atitude da segunda entrevistada.

A sexta questão perguntada foi: “Qual o papel da escola e da família frente a esse processo de ensino?”

Coordenadora pedagógica:

A escola está falhando hoje por não ter, eu acredito que é necessário que tenha. Sobre a família, é a parceria, precisam ter palestras, como passar para as crianças, inclusive, tivemos que ter uma sobre namoro, porque eles já começaram com esse pensamento, a gente teve uma palestra com a psicóloga sobre que abordagem eles teriam que ter com os filhos. Então, hoje falha por ter pouco, tem que ter uma intensidade maior.

Professora: “A escola está para educar de forma didática e da família de orientar.”

O educar relacionado à sexualidade é questão de saúde mental e conhecimento interpessoal. Conforme as falas acima, nota-se a concordância de ideias, confirmando que os educadores e a família devem fazer parte desse processo, numa posição reflexiva e acolhedora com os alunos e filhos. Segundo Moizés e Bueno (2010, p.207) “A interação família-escola torna-se fundamental para que a sexualidade não se torne alvo da duplicidade de discursos e de atitudes”. A escola não deve substituir a família e a família não deve excluir a importância da escola em inserir a sexualidade no currículo, visto que as duas são complementares e essenciais para a formação do educando.

A sétima questão perguntada foi: “Qual ou quais os desafios encontrados na aplicação do ensino de educação sexual para as crianças?”

Coordenadora pedagógica:

Desafios são as próprias crianças. Temos que entender o que elas estão pensando, que abordagem eles querem, o desafio é entrar na cabecinha deles e entender o que estão pensando, o que eles conhecem, para passar para eles de forma diferente.

Professora:

A questão do tabu, de ser algo pouco discutido, e ser muito importante porque eles têm muita curiosidade e, às vezes, não tem com quem conversar, nem mesmo com os pais eles conseguem se abrir. E sendo tratado em sala de aula, de forma leve, eles acabam levando como algo pra ser conversado, é pra ser discutido.

É extremamente significativa a fala da coordenadora acerca do entendimento do que as crianças estão vivenciando e ouvindo nos bastidores da vida, quais são suas falas, atitudes e pensamentos, para que assim, através dessa observação, professores, pais e toda comunidade escolar possam se empenhar para proporcionar uma roda de discussões e ponderações sobre os acontecimentos demonstrados na escola. Segundo Nunes e Silva (2006, p.99) “Recomenda-se que tais educadores possam acompanhar estes espaços e propor diálogos francos com a criança, subsidiar com materiais didáticos que retratem o corpo e a sexualidade de maneira adequada, com coerência e serenidade.”

Cada ser dentro do seu contexto cultural e social vai ter suas dúvidas, questionamentos e medos, como dito pela professora. Dessa forma, negar o diálogo sobre os assuntos tangentes a esse tema não inibe a curiosidade, muito menos, controla as informações recebidas por meio das mídias sociais e situações vividas, filhos e alunos continuarão sendo educados sexualmente, sendo negado esse tema ou sendo exposto de maneira leve e benéfica. Sobre o negar desse tema, Louro afirma que (2018, p.117)

A versão da sexualidade ainda não tolerada (ao menos no currículo escolar) é exercitada, entretanto, nas vidas cotidianas das pessoas e no domínio da cultura mais ampla: na literatura, no filme, na música, na dança, nos esportes, na moda e nas piadas. (LOURO, 2018, p. 117)

A última pergunta foi feita somente para a professora atuante em sala de aula, que se consentiu da seguinte forma: “Como a temática foi discutida com o ensino fundamental, esse ensino aconteceu de forma transversal?”

Professora: “Foi de forma bem leve e suave, sem tabu mesmo, respeitando os limites e a idade dele, na época eu era polivalente.”

Analisando a resposta da professora percebemos que ela sempre dava espaço para seus alunos se expressarem, tinha uma preocupação sempre de explicar sobre esse assunto, sempre respeitando os limites deles e idade. Diante disso, Figueiró (2018) afirma que a escola também contribui para a formação de valores morais, atitudes, para o desenvolvimento de educando, e para a construção pessoal diante da vida.

Achamos válida a maneira de como a professora trabalhava a educação sexual com seus alunos, pois ainda segundo Figueiró (2018, p.223):

É fundamental que a Educação Sexual se constitua, acima de tudo, num espaço aberto ao debate e às reflexões, que propicie oportunidades para expressão de sentimentos, dúvidas e angústias, enfim, que estimule reflexões sobre todas as questões relacionadas, direta ou indiretamente, com a sexualidade. (FIGUEIRÓ, 2018, p.223).

Consideramos após pesquisa de campo a importância da temática como temas transversais, pois possibilita e potencializa as questões relacionadas ao autocuidado e o autoconhecimento da criança em todos os âmbitos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto e durante a realização do presente trabalho, constatamos a dimensão em trabalhar a Educação Sexual com crianças e adolescentes no espaço educacional, uma vez que proporciona ao indivíduo o conhecimento e o respeito com o seu corpo e com o corpo do outro, possibilitando desmistificar os tabus e preconceitos construídos pela sociedade. Ao longo da pesquisa, nota-se que a sexualidade inserida no currículo desenvolve o autocuidado e a conscientização, além de auxiliar no saber dialogar e ouvir opiniões distintas.

A primeira hipótese elencada nesse artigo foi confirmada, pois a falta de conhecimento e preparo na formação dos professores impede sim que a educação sexual seja de fato trabalhada de forma integral em sala de aula, todavia a segunda não se confirma, já que a escola não segue cunho religioso e o impedimento está mais por parte dos responsáveis pela instituição que não veem mais a necessidade de trabalhar, no âmbito educacional, com as questões citadas ao longo dessa pesquisa.

Verificamos que os PCNs, substituídos pela BNCC, ainda é o único documento nacional que descreve como a educação deve acontecer e classifica esse assunto como uma temática transversal, já que entende esse tema como uma problemática a ser discutida desde a mais tenra idade. Os educadores, de todas as disciplinas, podem inserir esse assunto na grade curricular contextualizando com a realidade e adequando a idade dos alunos.

Dessa forma, é fundamental aos professores uma formação sobre educação sexual para que possam abordar de forma sistêmica e coerente com a necessidade dos educandos. Ademais, cabe a esses educadores refletirem sobre suas ideias prejudicadas referentes à sexualidade, buscando meios de driblar seus preconceitos e tabus internalizados durante seu processo maturacional.

Conseqüentemente, faz-se necessário uma complementação da parceria da família juntamente com a escola, visto que o lar familiar é a primeira instituição social que a criança dá início ao desenvolvimento de sua personalidade. Isso porque, no decorrer do seu crescimento, o indivíduo vai se deparando com várias realidades sociais diferentes carregadas de informações acerca da sexualidade. Portanto, é de grande valia que a escola ofereça meios e subsídios para que o sujeito possa entender e respeitar as divergências, construindo suas ideias e atitudes em relação à sexualidade de maneira sensata e sadia.

Por meio do levantamento de dados e análise de cada informação apurada, conseguimos alcançar alguns dos nossos objetivos pontuados no artigo, pois foi possível analisar as estratégias que a escola utilizava para abordar sobre esse assunto, uma vez que eles tratavam sobre esse tema por meio de diálogos e da utilização de livros didáticos, onde os alunos tinham liberdade de dar as suas opiniões e falar sobre as suas curiosidades. Também foi possível perceber a relevância dessa temática para as entrevistadas e embora a escola não aborde mais essa temática, conseguimos investigar como o professor trabalhava com educação sexual em sala por meio das respostas das participantes.

REFERÊNCIAS

ARGENTI, Paula Camila. **Sexualidade, educação sexual e gênero**: uma análise destas temáticas nas produções de um programa de pós-graduação em educação sexual. Dissertação (mestrado em educação) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP. Araraquara, SP, p. 80. 2018. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153705>>. Acesso feito em: 02 de novembro de 2021

ASSIS, Freire Ayra Franco; BARBOSA, Adriana Gonçalves; SOUZA, Ediane Eduão Ferreira de. **Sexualidade na escola**: Desafios e possibilidades para além dos PCNS e da BNCC. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v.7, n.2, p. 13662-13680 feb. 2021.

BARBOSA, Uchôa Luciana; VIÇOSA, Cátia Silene Carrazoni Lopes; FOLMER, Vanderlei. A educação sexual nos documentos das políticas de educação e suas ressignificações. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. Vol. 11 (10). 2019.

BRITTOS, Eritânia Silmara de; SANTOS, Aline Bruna dos; GAGLIOTTO, Gisele Monteiro. **A importância da educação sexual na formação de professores**: o projeto laboratório de educação sexual adolecer e a intervenção necessária junto aos adolescentes no espaço escolar. III Simpósio Internacional de Educação Sexual. Maringá – PR. 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, vol.10. Disponível em :<<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>>. 1998. Acesso em: 03 de setembro de 2021

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 16 de jul. 1990. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/estatuto.da.crianca.e.do.adolescente>>. Brasília. 2019. Acesso feito em: 27 de outubro de 2021.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1996.

EGYPTO, Antônio Carlos. **Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante**. In: *Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante*. 2012.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual no dia a dia**. [livro eletrônico] / Mary Neide Damico Figueiró. - 2. ed. rev., atual. e ampl. – Londrina: Eduel, 2020.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico, **Educação sexual: saberes essenciais para quem educa**. Curitiba: CRV, 2018

FIGUEIRÓ, Mary Naide Damico. **Formação de educadores sexuais** [livro eletrônico] : adiar não é mais possível / Mary Neide Damico Figueiró. - 2. ed. rev., atual. e ampl. – Londrina: Eduel, 2020.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Autêntica, 2017.

GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A educação sexual na escola e a pedagogia da infância: Matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias**. Jundiaí, PACO EDITORIAL, 2014

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LAGES, Marina Nunes. **Sexualidade na adolescência: intervenção, em contexto educativo, para a promoção do autocuidado**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS. Porto Alegre, p. 116. 2009. Disponível em:<<https://www-periodicos-capes.gov.br/ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php?>>. Acesso: 27 de setembro de 2021

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Autêntica, 2018

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, p. 205-212, 2010.

NUNES, C.; SILVA, E. **A Educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade além da transversalidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

OLIVEIRA, Vera Lucia Bahl de. Sexualidade no contexto contemporâneo: um desafio aos educadores. In: Mary Neide Damico Figueiró (org.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina. UEL, 2009.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico** / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, Maria Helena; VILAR, Duarte. A implementação da educação sexual na escola: Atitudes dos professores. **Análise Psicológica**, v. 22, n. 4, p. 737-745, 2004.

SANTOS, Inaiá Alves dos; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. **A Orientação Sexual anos iniciais do Ensino Fundamental: Possibilidades e Desafios**. Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 – 2013.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e método**/ Robert K. Yin; Trad. Daniel Grassi-2. ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

Recebido em: 15/12/2022

Aceito em: 02/03/2023